

## **Itinerário 2 – Percurso da Ribeira da Carpinteira**

O percurso tem início no Núcleo da Real Fábrica de Panos do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Neste local, onde em meados do século XVIII existiam já oficinas de tecelagem e de acabamentos, foi construída a segunda grande manufatura de Estado, destinada a constituir-se como fábrica modelo, concentrando as várias operações de fabrico, e como motor de desenvolvimento da indústria local. Para a sua construção, o rei D. José I deu autorização para que se utilizassem as pedras da muralha medieval da povoação, que se encontravam caídas na sequência dos estragos do terramoto de 1755. Ao serviço desta Fábrica Real trabalhavam, em 1803, mais de três mil operários, contando com 356 trabalhadores só nas instalações principais da fábrica e outros 219 trabalhadores espalhados pelas escolas de cardação e fição, num raio de influência que compreendia Penamacor, Castelejo, Casteleiro, Alpedrinha, Lardosa, S. Vicente da Beira, S. Miguel d’Acha, S. Gião e Penalva. Contabilizavam-se ainda 1 375 mulheres, que possuíam, em suas casas, rodas pertencentes à Real fábrica, onde exerciam trabalho domiciliário. Na sua dependência encontrava-se também a Real Fábrica do Fundão, onde laboravam mais 147 operários e 1 355 fiadeiras em regime doméstico na Vila e nos arredores, em diversas escolas de fição.

Visite o edifício, mandado construir por Provisão Régia de D. José, em 1764 para funcionar como manufatura de Estado, destinada à produção e tingimento dos panos para os fardamentos do exército português. Esta área, dedicada à fase da protoindustrialização dos lanifícios, integra um conjunto de 10 fornalhas, com as respetivas chaminés embutidas, onde assentavam as caldeiras de metal, em cobre ou estanho, e 8 poços cilíndricos, para assentamento de dornas de madeira, foi classificada como Imóvel de Interesse Público.

Depois de visitar, siga à direita, percorrendo a Rua Marquês d’Ávila e Bolama, principal artéria da urbe que liga os vales das duas ribeiras que marginam o tecido urbano da Covilhã e que constituiu um importante troço da canada que conduzia os rebanhos em direção à Serra da Estrela, passando por baixo do arco em alvenaria de granito deste conjunto, não sem antes observar a Fonte das Lágrimas inscrita no edifício da Fábrica Real.

Passa-se seguidamente pela Capela de S. Martinho, constituindo o templo mais antigo da cidade. Trata-se de um monumento de estilo românico, classificado como Imóvel de Interesse Público, orientado no sentido Oeste, e construído nos finais do século XII. Possuindo na fachada um portal encimado por um arco de volta perfeita, com duas arquivoltas apoiadas em colunelos de capitéis decorados com motivos vegetalistas estilizados.,

Impõe-se, de seguida, o edifício que atualmente constitui a Biblioteca da Universidade, outrora propriedade de José Mendes Veiga, tendo posteriormente pertencido a Manuel Olegário das Neves, onde laboraram algumas empresas de lanifícios, designadamente o próprio e José Dias d’Assumpção Neves, em regime de arrendamento. O edifício oitocentista, de invulgar imponência arquitetónica, é composto por 3 pisos acima do nível do solo, em alvenaria de granito, com varandas em ferro com motivos decorativos. Apesar de sujeito a intervenções de recuperação e reconversão, mantém a fachada original.

O percurso continua pela mesma avenida. A topografia acidentada da cidade permite a constituição de miradouros quase naturais de onde se desfruta de ótimos enquadramentos paisagísticos. Alguns metros depois de se ter passado pelo cruzamento com a Rua José Ramalho, se nos orientarmos para Sul, depare-se, no alto da vertente, no local de implantação do Convento de Santo António fundado em 1553, e atualmente Reitoria da Universidade da Beira Interior, um edifício rebocado, de cor branco, que corresponde à implantação do edifício

da antiga Fábrica dos Buréis do Convento de Santo António, que atualmente é a sede dos Serviços Sociais da UBI.

Continuando pela Av. Marquês d'Ávila e Bolama, encontram-se diversos palacetes do século XIX que foram propriedade e residência de ilustres famílias de industriais covilhanenses. O edifício onde atualmente funciona o Centro de Seminários, Conferências e Colóquios da Universidade da Beira Interior, foi a residência da família Mello & Castro. Do lado direito, em frente ao novo espaço comercial das Galerias de S. Silvestre, encontra o Colégio das Freiras, residência da família Pessoa de Amorim, edifício em alvenaria de granito, com amplo jardim e grandes vãos.

Aproveite-se mais uma magnífica varanda natural, observando o desenvolvimento da cidade para a Cova da Beira, traduzindo o crescimento urbanístico das últimas décadas.

Junto ao cruzamento para a Rua Visconde da Coriscada, que dá acesso à Praça do Município, situa-se, à direita, o palacete da Família Morão. O edifício possui três pisos, paredes laterais em alvenaria de granito revestidas a azulejo, amplos jardins, grandes janelas e portão em ferro.

Continuando pela Rua Marquês de Pombal, em frente ao posto de abastecimento de combustível, repare-se na imponente construção revestida a azulejo cor de tijolo, com grandes janelas ligeiramente ovais, onde esteve instalado o Clube União, e que mantém ainda a traça original. O edifício, do primeiro quartel do século XX, de 3 pisos, constituído por 2 partes e um pátio intermédio, remata com molduras de granito nas paredes, portas e janelas.

Rapidamente se chega ao Largo de S. João de Malta, onde se situa uma capela com a mesma designação, seguindo-se depois à Fonte das Galinhas. Aí é preciso cruzar para a Rua Conde da Covilhã, cuja toponímia traduz a importância de Cândido A. de Albuquerque Calheiros, que foi deputado da Nação (1886), Presidente da Câmara Municipal da Covilhã por dois mandatos (1891 – 1895; 1899 – 1901) e também um industrial de lanifícios, herdeiro e prosseguidor do legado de José Mendes Veiga e do seu sucessor Marcelino José Ventura.

Sensivelmente a meio da rua, do lado esquerdo, localiza-se o edifício fabril do século XIX, com os números de polícia 31 e 37, pertencente a Ignácio da Silva Fiadeiro. Aqui funcionou uma preparação, com urdissagem, metedeiras de fios e armazém, constituindo uma unidade de apoio à atividade industrial, do mesmo empresário, localizada no Sítio do Sineiro. Também do lado direito, o edifício com os números 43 – 53, decorado com um painel de azulejos alusivo ao S. José, foi residência do industrial Ignácio da Silva Fiadeiro.

Estes dois edifícios marginam a Rua Dr. Almeida Eusébio, onde se situa o palacete da família do Conde da Covilhã. O edifício, atualmente, em avançado estado de ruína, em alvenaria de granito de 3 pisos, tinha no tardo uma área ajardinada, do qual se destaca uma escadaria em pedra e ferro. Atualmente, encontra-se em avançado estado de ruína. Pelo lado direito, encostado à habitação, situava-se uma das fábricas do Conde da Covilhã, datada do século XIX, possuindo dois edifícios com sistema de construção tradicional e estruturas horizontais de madeira em taipa.

Subindo ainda pela Rua Conde da Covilhã, vamos encontrar, do lado direito, a Rua da Trapa. Aí, localizavam-se duas importantes empresas de lanifícios. O edifício atualmente ocupado pelo Teatro das Beiras foi uma tecelagem. Pertenceu à firma Barata, Filhos, contando com vários edifícios, com um sistema de construção misto. Mesmo em frente, em avançado estado de

degradação, a fábrica de tecelagem fundada por Amândio de Moraes, é um amplo edifício de 4 pisos. Nos anos 60, este imóvel foi ocupado pela firma José de Almeida Eusébio, Lda., dedicando-se ao fabrico de bobines de cartão e laborando até 1998. Foi ocupado, igualmente, por um armazém da firma Ernesto Cruz & C.<sup>ª</sup>, que tinha a sua fábrica no sítio do Sineiro.

Chegados à Avenida Frei Heitor Pinto, surge-nos, do lado direito, o Palacete Jardim, que pertenceu à família de Joseph Bouhon, um industrial belga que se estabeleceu na Covilhã, numa firma localizada no sítio do Sineiro. Este palacete de estilo Arte Nouveau, da autoria do arquiteto Ernesto Korrodi, é revestido a azulejo, com motivos vegetalistas e geométricos, e tem um jardim envolvente. Do lado esquerdo, onde atualmente se localiza o Jardim Público, que constitui uma área de logradouro do antigo Convento de S. Francisco, no interior do qual José Mendes Veiga, após as lutas liberais, instalou um fabrico de cardação e fição. Esta área foi o local histórico do mercado de gado da Covilhã, que sofreu uma intervenção, no âmbito do plano de melhoramentos da cidade da Covilhã de 1882/83. De frente para o jardim, um outro palacete, de D. Maria José Alçada, terá sido edificado numa área destinada à construção de um bairro para as classes operárias.

Depois de se apreciar esta área verde que oferece ainda uma surpreendente vista para vários quadrantes da cidade, siga-se ao longo da Av. Frei Heitor Pinto, seguindo o trajeto da canada que, atravessando a Covilhã, levava os rebanhos para as pastagens serranas. O edifício onde hoje se encontra instalada o espaço de restauração da Telepizza, laborou, entre 1941 e 1973, a firma Alexandrino Fernandes Nogueira, dedicada à tecelagem, tendo o edifício, inicialmente de 3 pisos, vindo a ser posteriormente alterado. Continuando, junto ao cruzamento com a Rua Júlio Maria da Costa, do lado esquerdo, situa-se o edifício das antigas firmas Sociedade Fiandeira Mirense e Borges Terenas & Irmão, tecelagens em atividade durante o século XX. Atualmente, funciona aí o Centro de Formação Profissional para a Indústria de Lanifícios (CILAN) e o Centro de Formação para Vestuário e Confeções (CIVEC).

Continuando pela Av. Frei Heitor Pinto, do lado esquerdo, com os números de polícia de 33 a 37, aparece-nos mais um edifício fabril, associado à firma João Mosa. O imóvel datado de 1940, apresenta 2 pisos, em nave, e fenestração regular, num sistema tradicional misto. Neste espaço, laboraram, simultaneamente, as firmas João Mosa, João Mosa & Filhos e João Mosa Sucessores. Alguns metros à frente, mas do lado esquerdo, situa-se a antiga fábrica de fição e tecelagem de José Henriques da Fonseca Jr., composta por três edifícios, de datação distinta (área fabril e escritórios), sendo o mais antigo da década 40/50 do século XX.

Em frente, encontra-se recuperado o complexo onde laborou a firma João Roque Cabral, datando os edifícios das décadas 40 e 60. Esta empresa, com cardação, fição, tecelagem e mungos, constituiu, ao nível arquitetónico, um exemplo da modernização do tecido industrial covilhanense. O complexo foi adquirido pela Universidade da Beira Interior para instalação da Residência Universitária Pedro Álvares Cabral.

A rua que se desenvolve do lado direito dá acesso a diversos complexos fabris junto à Ribeira da Carpinteira, no Sítio dos Pimentéis, designação também relacionada com uma empresa fabril: o primeiro edifício pertenceu à tecelagem Manuel Lopes Bola; ao lado, localiza-se a antiga cardação e fição da empresa Barata, Filhos (posteriormente Pimentéis, Lda); seguidamente, a firma de cardação, fição, tecelagem, ultimação e mungo António Dias de Assumpção Neves/ Pimentéis, Lda (composta por 4 edifícios, com de áreas de produção, armazém, casa do guarda e escritórios, rodas hidráulicas, levadas para condução de águas e râmolas de sol).

Regressando ao início da rua, segue-se para montante, até ao Sítio do Sineiro, onde existe uma forte densidade de edifícios fabris. Destaca-se, desde logo, o complexo industrial Ernesto Cruz & C.<sup>ª</sup>, em que o edifício do lado esquerdo sofreu intervenções de recuperação e remodelação para integrar o Departamento de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras da U.B.I. Este complexo é composto por 2 edifícios, um de 1946 e outro de 1963, apresentando um sistema de construção moderno, caracterizado por pilar / viga. Na margem direita da Ribeira da Carpinteira, observa-se em primeiro plano a firma de Joseph Bouhon, possuindo três edifícios adaptados à fisionomia do terreno, datados do século XVIII e XIX, com chaminé nobre. Registam-se sucessivas alterações com características de diferentes períodos: a arquitetura do ferro; sistema misto; betão. O conjunto integrava 2 rodas hidráulicas, râmolas de sol e casas destinadas a operários. Por fim, laborou neste espaço a tecelagem e ultimação de Álvaro Paulo Rato & Filhos. Na parte superior, localizam-se os complexos das firmas Ignácio da Silva Fiadeiro, datada do século XIX, com cardação, fição, tecelagem e ultimação; Tavares & Espinho/Gregório Baltazar e Gregório Baltazar (Fiações Roseta).

Para montante, na proximidade da área, junto à ribeira da Carpinteira, encontra-se o Núcleo das Râmolas de Sol do Museu de Lanifícios que constitui um núcleo museológico de “ar livre”, que resulta da recuperação in situ de um estendedouro de lãs e um conjunto de râmolas de sol, pertencentes à antiga firma Ignácio da Silva Fiadeiro & Sucessores. Os estendedouros de lãs eram espaços abertos que resultavam do aproveitamento de um terreno com pavimento ligeiramente inclinado e lajeado, onde a lã em rama, depois da lavagem, era espalhada para secar ao sol. Por sua vez, as râmolas de sol constituíam equipamentos destinados à secagem e estiragem ao ar livre dos panos de lã, depois de lavados, apisoados e tingidos. Eram formadas por barras com pregos, montadas sobre muretes graníticos, dispostos em socalco, de forma a aproveitar a exposição solar e os desníveis da topografia. Estas infraestruturas constituíam equipamentos de apoio aos processos de ultimação dos lanifícios e imprimiram características singulares ao tecido urbano da Covilhã.

Volte-se, para jusante, pelo mesmo trajeto, até chegar ao cruzamento com a Rua Dr. José Valério da Cruz e suba-se até à Rua Afonso Domingues, observando, ao cimo, o edifício de 4 pisos em nave, da firma de cardação, fição, produção de mungo e tecelagem Augusto d’ Almeida Fortuna & Filhos. Sensivelmente a meio da Rua Afonso Domingues, encontra-se a emblemática tinturaria da firma Clemente Petrucci & Irmão, composta por 3 edifícios datados de 1933, 1947 e 1957. Este imóvel, que sofreu algumas ampliações, evidencia uma chaminé nobre em bom estado de conservação. Possui telhado em lanternim, cobertura em telha marselha e embasamento em pedra de granito.

Continue-se o percurso pela Avenida de Santarém e desça-se as escadas junto ao Quartel dos Bombeiros que acedem à Av. Frei Heitor Pinto. Na base da escadaria, situa-se a Fonte das Três Bicas, construída em 1855, de traça barroca, com colunas trabalhadas e frontões triangulares com pilastras. Esteve situada na Praça do Município, no local onde se localizou o Café Montalto, à esquerda do Teatro-Cine da Covilhã, tendo sido desmontada na década de 40 do século XX e, recolocada mais tarde, no local onde atualmente se encontra. Depois de cortar para a Estrada da Fábrica Velha encontra-se um local de particular interesse para o estudo da indústria de lanifícios da Covilhã, onde atualmente se localizam os edifícios das firmas Nova Penteação e Fiação de Lãs, Lda, de 1938, de imponente arquitetura de traça modernista, com cardação, fição e tecelagem, e da antiga Fábrica de Sarjas e Baetas – Conde da Ericeira, fundada em 1677 por intervenção estatal. Esta última, constitui a primeira manufatura real construída na Covilhã, possuindo pisão, tinte e prensa, que chegou até nós com a designação

de Fábrica Velha. Em 1851, esta fábrica foi vendida à firma Campos Mello & Irmão, fundada em 1834/5, por José Maria da Silva Campos Melo, empresa que foi uma das mais importantes da Covilhã, nos séculos XIX e XX, sobretudo pela inovação tecnológica.

Daqui pode ver-se a fábrica Manuel Nunes Mouzaco/Alçada & Mouzaco (Fábrica Alçada), com a sua imponente chaminé, situada na Rua da Indústria. Este grandioso complexo fabril era composto por 6 edifícios, casas de habitação e uma quinta, tendo sofrido diversas intervenções ao longo do século XIX e XX.

Doravante, o percurso segue o perfil longitudinal da ribeira que lhe empresta o nome. Para tal, dever-se-á descer em direção à Rua Marquês d'Ávila e Bolama, não sem antes observar a firma de tecelagem de José Camolino & Sousa, construída em sistema tradicional misto, mas atualmente desativada. Corte-se à esquerda e seguidamente à direita, para a Rua Mateus Fernandes. Aproveite-se o miradouro natural para observar os edifícios fabris que se implantaram junto à ribeira e à Ponte dos Costas. Na margem esquerda, em cima, situa-se a fábrica Alçada & Mouzaco; à direita desta, a firma José Dias d'Assumpção/Januário Dias & Irmão, igualmente datada do século XIX, possuindo edifício fabril, râmolas, estendedouro de lãs e bairro operário, que se podem observar deste local; em baixo, a fábrica completa de António Estrela & C.<sup>ª</sup>, datada de 1853, que foi parte integrante do conjunto industrial fundado por António Nunes de Sousa e Filhos, localizada a montante da Ponte dos Costas. Em 1912, este complexo era constituído por 13 edifícios, que ao longo do tempo sofreram diversas alterações. Possuía também râmolas, enxugadouro, grudadouro e chaminé nobre. Na margem direita da ribeira, podem observar-se os edifícios e as ruínas do que foi, no século XIX, a fábrica completa Ranito Mesquita & C.<sup>ª</sup>, que integrava 12 edifícios. Foi alvo de vários incêndios e em 2000, a ocorrência de um novo incêndio, destruiu dois dos edifícios mais antigos que mantinham a traça original. Possuía râmolas de sol, tanque e ainda é possível observar o local de instalação de uma das rodas hidráulicas do complexo.

Continue-se pela Rua Mateus Fernandes e, logo no primeiro cruzamento, corte-se à esquerda para a íngreme Calçada das Poldras, onde se sucedem vários conjuntos industriais. Na parte final do primeiro troço da descida, do lado esquerdo, localizam-se as ruínas do que foi um grande complexo, a Fábrica dos Cruzes, que teve como primeiro ocupante Francisco Cruz, em 1848, laborando como fábrica completa. Compunha-se de diversos edifícios, apresentando sistema de construção misto, em alvenaria de pedra. Apesar do avançado estado de ruína, mantêm-se a volumetria inicial, as râmolas, a casa do guarda e a casa para os operários. Na parte de cima, avistam-se as tecelagens de Sutre, Antunes & Oliveira, L.da e Álvaro de Moura, que laboraram na segunda metade do século XX e se encontram atualmente encerradas. Em baixo, junto à ribeira, o edifício que, apesar da ruína, mantém a volumetria inicial em alvenaria de granito, pertenceu a João da Silva Fiadeiro, tendo aí laborado uma fiação no século XIX. Desde o incêndio que atingiu a fábrica em 1947, esta nunca mais foi reconstruída. São, no entanto, visíveis a levada de água e o local onde esteve instalada uma roda hidráulica.

Continuando a descida pela Calçada das Poldras, surge-nos a fábrica do industrial João Nave Catalão, composta por 5 edifícios e râmolas de sol para o funcionamento das operações de cardaço, fiação, tecelagem, tinturaria e ultimação. A jusante, do lado esquerdo, dois outros edifícios fabris, pertencentes ao Padre João Pereira Espiga, e que possuíam as secções de cardaço, fiação, tecelagem e ultimação e uma casa de habitação. Sucede-se a fábrica completa da empresa Cravinos & C.<sup>ª</sup>, Lda, que integrou, no século XIX, as unidades de Anaquim & Copeiro e de Jerónimo Nave Catalão, possuindo numa das entradas as iniciais "A.&C." e que constitui, ainda hoje, um exemplar da maior autenticidade da arquitetura

tradicional fabril do início do século XIX. Compõe-se de 7 edifícios de diferentes épocas, tem chaminé, tanque, rãmolos e levadas. É possível observar uma caldeira e o respetivo assentamento in situ. Por fim, surge-nos, numa área de fraco declive, o complexo do século XIX onde laborou a firma José da Cruz Fael e, a partir de meados da década de 30 do século XX, a José dos Santos Pinto, com fabrico completo. Na fachada de um dos edifícios, observa-se um painel de azulejos alusivo a S. José e uma sineta de ferro. Este complexo possuía ainda outras estruturas, tais como chaminé, levadas, tanque e uma caldeira in situ.

No final da década de 70 do século XX, as firmas Sá Pessoa & Irmão, Têxtil Cravinos SARL, João Pereira Espiga & Sucessores, L.da e José dos Santos Pinto que ocupavam, respetivamente, estes quatro conjuntos fabris, integraram a sociedade Gitêxtil, constituída, refletindo um novo tipo de organização empresarial, face às tradicionais empresas familiares.

À saída da Calçada das Poldras, cruze-se à direita para o Eixo T-C-T. Logo em frente, encontra-se a firma Covilan - Laneira da Covilhã, SA com as secções de lavagem, escolha e penteação de lãs, e que se encontra atualmente em laboração. Mais à frente, localiza-se o complexo industrial que pertenceu a Cristiano Cabral Nunes, de traça arquitetónica moderna e cuidada, que laborou na segunda metade do século XX.

Vire-se à direita para o Jardim do Rodrigo, subindo as escadas metálicas que dão acesso a esse espaço. De cima, para sudeste, poder-se-á contemplar o edifício da antiga Central Elétrica, correspondendo a uma construção do século XX destinada à produção de energia para iluminação pública e particular, aquecimento e força motriz para a pequena indústria. De traça modernista, o edifício começou a ser intervencionado, tendo perdido alguns dos seus elementos arquitetónicos mais singulares. Podem ainda observar-se, no alçado lateral norte, um painel de azulejos com iconografia religiosa mariana. Em orientação oposta, situa-se o Bairro Operário do Rodrigo. Representando uma intervenção estatal ao nível da habitação económica no período de 1947 - 1952, constitui um conjunto de moradias unifamiliares, de 2 pisos com telhados de quatro águas e de telha canudo, destinadas a trabalhadores da indústria e lanifícios.

A partir da Praceta do Rodrigo, suba-se à Rua Mateus Fernandes, seguindo para a esquerda. Depois de passar-se na rotunda da Estação de Caminho de Ferro, cruze-se novamente à esquerda para a Rua João de Alves onde se localiza o Bairro da Estação, datado da década de 50 e 60 do século XX e destinado a operários e quadros técnicos da indústria de lanifícios. No final da rua acede-se à Rua Conde da Covilhã onde se localiza, do lado esquerdo, o imóvel que pertenceu ao Acondicionamento e Laboratório Têxtil da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios. O edifício, datado de 1950, é composto por 3 corpos retangulares, de 2 e 3 pisos, constituindo-se como armazém, acondicionamento de matérias da indústria de lanifícios, estufas de humidade, laboratórios e parte administrativa, destinava-se ao controlo da qualidade de todos os produtos e matérias-primas relacionadas com a indústria de lanifícios. Atualmente constitui a sede dos Serviços Municipalizados da Covilhã.

Seguindo em direção à Ponte Mártir-in-Colo, o percurso continua pelo Parque da Goldra em direção à Real Fábrica Veiga – Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, através do caminho do Biribau, na margem direita da Ribeira da Goldra.